

# Cúpula dos latinos em Caracas

por Maria Clara R.M. do Prado  
de Brasília

Carlos Andrés Pérez está na iminência de assumir seu segundo mandato presidencial na Venezuela. Sua posse, marcada para o próximo dia 2, promete transformar-se em um "fórum" informal de discussões em torno da questão da dívida externa dos países latino-americanos. Pérez aposta nisso e já está organizando para o dia 3 — portanto, na data imediatamente seguinte à da cerimônia de posse — um café da manhã em que pretende receber os presidentes dos sete países que compõem o Grupo dos Oito (participam do grupo Brasil, Venezuela, Argentina, Uruguai, Peru, Colômbia, e México — o Panamá faz parte oficialmente do grupo mas não está participando das conversações).

Pérez considera o ano de 1989 como decisivo para a definição de uma solução que possa redundar no efetivo abatimento da dívida externa na América Latina. Crê, no entanto, em um entendimento negociado. "Não acreditamos que seja um problema entre bancos, mas sim um problema entre governos", disse a este jornal na entrevista que concedeu no sábado, momentos an-

tes de estar com o presidente Sarney, com quem manteve conversa reservada que durou mais de uma hora. Abaixo, os principais pontos da entrevista:

- Acordo do Rio — "A reunião dos ministros da Fazenda abriu um clima de confiança. Ela estabelece como base o rebaixamento da dívida, propõe a necessidade de juros compatíveis com a economia dos países latino-americanos e coloca como indispensável o fluxo de dinheiro novo para a região."

- Encontro com George Bush — "Tive a segurança de que ele pessoalmente vai ocupar-se de orientar uma nova solução para o problema da dívida".

- Condicionalidades — "Estamos abertos, de nossa parte, a aceitar certos condicionamentos que signifiquem garantias para que os novos recursos sejam realmente empregados nos projetos para os quais o financiamento é solicitado e sejam manejados de maneira racional."

- Brasil — "Tudo o que aconteceu com o Plano Cruzado não existe senão como uma amarga experiência. Agora se tenta uma nova reforma, mas enquanto tivermos a conjuntura da dívida, por melhor intencionados os passos que dêem nossos governos, não conseguirão os objetivos que buscam."